

Lucinda Berry

# O MELHOR DA AMIZADE

*Um thriller hipnotizante que explora os sentimentos  
que são postos à prova em momentos extremos.*

TRADUÇÃO  
Alda Lima

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2023**  
**TEXT COPYRIGHT © 2020 BY HEATHER BERRY**  
**PUBLISHED BY THOMAS & MERCER, SEATTLE**  
**ALL RIGHTS RESERVED.**

**THIS EDITION IS MADE POSSIBLE UNDER A LICENSE ARRANGEMENT ORIGINATING WITH  
AMAZON PUBLISHING, WWW.APUB.COM, IN COLLABORATION WITH SANDRA BRUNA AGENCIA  
LITERARIA.**

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem  
autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**  
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**  
Assistente editorial **LETÍCIA CANEVER**  
Preparação **TUCA FARIA**  
Revisão **BARBARA PARENTE e PATRINI FERREIRA**  
Capa, projeto gráfico e diagramação **VANESSA S. MARINE**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
JÉSSICA DE OLIVEIRA MOLINARI CRB-8/9852

Berry, Lucinda

O melhor da amizade / Lucinda Berry ; tradução de Alda Lima. -- São Paulo : Faro  
Editorial, 2023.

256 p.

ISBN 978-65-5957-273-1

Título original: The best of friends

1. Ficção norte-americana I. Título II. Lima, Alda

23-0359

CDD 813.6

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

I. FICÇÃO NORTE-AMERICANA



1ª edição brasileira: 2023

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)

*Para as sobreviventes de violência doméstica.*





# UM

## LINDSEY

DUAS SEMANAS DEPOIS

Fecho a lata de lixo e jogo o prato na pia. Sinto raiva demais para conseguir comer. O meu celular está sobre a bancada de granito, onde o deixei após receber a mensagem da Dani. A tela há muito já escureceu – levei tempo demais para responder –, mas o que eu deveria dizer? Nós combinamos de não envolver advogados. Isso fazia parte do plano.

Apenas um dia se passou desde o funeral. Como ela pôde? Deve ser mais fácil para ela pensar em advogados e coisas assim quando o seu filho, Caleb, está seguro na cama esta noite, em casa, ileso.

O cachorro crava as unhas na minha panturrilha.

— Saia de cima de mim! — esbravejo, fazendo-o recuar como se tivesse levado um tapa, enfiando o rabo entre as pernas e se encolhendo ao lado dos meus pés. — Saia!

Eu aponto para a sala de estar. Suas orelhas desabam e ele se esgueira por baixo da mesa da cozinha para se esconder. Tento sentir culpa, mas estou cansada demais. Eu devia ter ficado no hospital com Jacob, mas meu marido, Andrew, disse que era importante eu passar mais tempo com os nossos outros filhos.

Olho para a sala de estar, a planta aberta criando um fluxo perfeito de um cômodo para o outro. Wyatt, deitado no sofá, assiste ao futebol na tv de tela plana acima da lareira. Embora seja abril e estejamos na Califórnia, ele acendeu o fogo, como se, de alguma forma, o calor fosse nos isolar do que está acontecendo ao nosso redor. Concentrado no jogo, ele se mantém alheio à bagunça que a sua irmã caçula, Sutton, está fazendo com os livros

de colorir e o giz de cera no chão. Na certa, ela está sujando o tapete sob a mesinha de centro com o vermelho, como faz sempre que pode. É o que ela mais gosta de fazer quando não estou olhando. Solto um suspiro irritado. A Sutton tem mais personalidade que os dois irmãos adolescentes juntos, mas não posso brigar com ela esta noite.

Normalmente, Jacob estaria lá com eles, vidrado no jogo como o Wyatt ou esparramado no chão ao lado da Sutton; mas ele não está. Os seus enfermeiros devem estar se preparando para a troca de turno agora mesmo. Espero que a enfermeira nova se lembre de passar pomada em seus lábios. Eles estão rachados e sangrando, as feridas se abrindo em volta do respirador. Uma onda de tristeza enfraquece os meus joelhos e eu me apoio na bancada da cozinha até passar.

Andrew ficará furioso quando eu contar que os Schultz contrataram um advogado, embora vá fingir que não. Ele queria consultar um advogado antes de falarmos com qualquer pessoa naquela noite, mas não permiti. A morte do Sawyer foi um terrível acidente, assim como o que aconteceu com o Jacob. Os nossos meninos estavam brincando. Estavam bêbados e fazendo tolices com uma arma. Isso é tudo. Não era para ninguém se machucar. Não pareceria acidental se começássemos a receber advogados, e sim suspeito. Pego o celular para enviar uma mensagem para Kendra. Desde os meus oito anos, ela sempre é a primeira pessoa para quem ligo, mas paro no meio do caminho. Nada disso importa para ela.

O filho dela se foi – arrancado da mãe em um curto instante. No entanto, tudo em que pude pensar quando a dupla de policiais uniformizados apareceu na nossa porta no meio da noite para nos contar sobre a tragédia foi em meu próprio filho. As palavras dos dois pareciam entrecortadas, e as suas frases entravam por um ouvido e saíam pelo outro ao mesmo tempo que o pânico esmigalhava o meu coração.

Um acidente com os três meninos.

O hospital.

Um dos meninos havia morrido.

Mas não o Jacob.

Jacob estava vivo. No caminho até o hospital, o tempo passou em câmera lenta. Tudo o que eu queria era abraçá-lo e nunca mais soltar. Andrew falava sem parar sobre como Jacob precisava nos contar exatamente o que havia acontecido antes de falar com qualquer outra pessoa, mas tudo mudou quando chegamos ao hospital e o vimos. Os policiais relataram que ele

levara um tiro na cabeça e estava inconsciente, mas isso não foi nada útil para nos preparar para sua condição.

Eu o vi deitado em um cubículo feito de cortinas, sob as luzes fortes da unidade de terapia intensiva. Apitos e zumbidos desconhecidos nos cercavam enquanto as máquinas o mantinham vivo. A sua cabeça estava envolta em bandagens grossas; os olhos, inchados e fechados como no dia em que ele nasceu. Havia tubos entrando e saindo do seu corpo. O sangue circulava por um deles. Apesar da atividade frenética acontecendo ao nosso redor, a atmosfera se achava entranhada de uma espécie de quietude.

Andrew parou de repente atrás de mim, incapaz de se aproximar mais. Uma enfermeira digitou alguns números em um dos monitores pendurados acima do leito. Arrastei-me para mais perto.

— Posso tocá-lo? — perguntei em uma voz que não parecia a minha.

— Claro. — Ela indicou o braço esquerdo de Jacob. — Aquele está sem fios ou equipamentos.

Fui até aquele ponto da cama. Acariciei seu braço com as mãos trêmulas, desejando que ele acordasse, da mesma forma que eu fazia para ele dormir quando era bebê. Tenho vivido assim desde então. Odeio deixá-lo sozinho; e se ele acordar e eu não estiver lá? Filhos precisam das mães quando estão doentes. Portanto, preciso estar lá quando ele abrir os olhos – e ele vai abrir. Não me importo com o que os médicos dizem ou com as suas estatísticas estúpidas sobre onde a bala se alojou no cérebro. O Jacob vai acordar. Meu menino vai superar isso.

Mas Andrew tem razão. Wyatt e Sutton precisam tanto de mim quanto ele. Estico o pescoço de um lado para o outro, tentando aliviar um pouco da tensão que belisca os meus ombros, mas aquilo só piora. Talvez, se eu colocar um filme, as crianças durmam logo. É melhor eu avisar ao Andrew sobre o advogado antes de me sentar com eles. Meu marido não vai gostar nada se souber por outra pessoa. Pego de novo o celular e mando uma mensagem para ele:

Você não vai acreditar no que está acontecendo agora.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**

### **Campanha**



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA  
EM FEVEREIRO DE 2023